



Trabalho infantil

O dinheiro, outras vezes o temos dito, é a *droga-mater* de todas as drogas e também ele envenena este problema e o torna labirinto tal que leva o Autor do artigo sobre que continuamos debruçados a este desabafo: «Seja-me permitido lembrar que fui, durante cerca de dois anos, responsável pela execução da política laboral do Governo. Exerci a função com a inspiração e a transpiração de que fui capaz; e não posso deixar de confessar a enorme frustração que me ficou dos esforços feitos no combate ao trabalho infantil».

De duas espécies são, principalmente, os *caldos de cultura* onde germinam e pululam as causas deste problema: económicas e culturais.

As primeiras têm o seu acento na debilidade económica de muitas famílias e no desemprego. Mas também na pressão do consumismo generalizado que se respira, o qual acresce seduções à aspiração legítima de um bom padrão de vida material e à pressa de o alcançar.

Ainda nesta ordem de razões se podem incluir «posturas empresariais mesquinhas e pataqueiras» que visam a exploração do trabalho barato. Mas a tónica não está aqui, acrescenta o Autor, com a autoridade que lhe assiste, até como Autoridade que foi, porquanto tais «posturas» sucedem sobretudo «em empresas marginais, de pequena dimensão, produ-

Continua na página 4

Frustração

VÊM do Minho com a aflição no peito. São responsáveis na sua paróquia e desejam resolver um problema local, que os atormenta.

Cinco jovens, com forte atraso mental, andam por lá a incomodar. Não são aceites, nem eles aceitam ajuda. Foram crescendo sem apoio nem orientação e agora não se vê maneira de os «encaixar» no meio.

Evidentemente que a solução para estes casos não passa pela nossa Casa. Já experimentámos muitas situações semelhantes sem sucesso. Porque adultos, esses rapazes querem liberdade e tomam-na por si. Já não se deixam conduzir nem se sujeitam à vida comunitária das nossas Casas, onde cada membro deve assumir responsabilidades.

Ultimamente, são dezenas os pedidos de acolhimento para jovens com atraso mental ou com comportamento insociável. Ainda que queiramos, eles não se adaptam à nossa vida. Em nossa Casa a ocupação, o trabalho, a responsabilidade com tarefas simples são o modo adequado de preenchimento do tempo e valorização de cada um. Há, naturalmente,

regras de convivência que eles não acatam porque nunca as tiveram.

O problema é grave, dado que as crianças e jovens com atraso mental, não sendo orientados para o desenvolvimento das escassas capacidades que possuem, nem sendo colocados a tempo em lugares definitivos, andam perdidos na sociedade e a estorvar os que nela vivem.

Muitos, nem todos, andam pelas escolas a tentar receber uma aprendizagem escolar para a qual não há suporte intelectual e, cansados, sentindo uma frustração natural. Esta integração é forçada, o meio não é propício e a orientação para a vida, não sendo fácil nestes casos, também não lhes é proporcionada normalmente. Chegados a jovens e adultos, eles têm as mãos vazias. O trabalho infantil, leve, adequado, com coisas simples mas práticas, é aqui imprescindível. Se eles não são capazes da aprendizagem escolar, é importante oferecer-lhes a do trabalho possível, da ocupação útil. Não acontecendo este encaminhamento, estas crianças ou ficam na infантиidade permanente ou vão adquirindo vícios, sobretudo da ociosidade, da

vadiagem e da dependência crónica.

O ensino especial em que havia grande preocupação e meios para o rendimento total destas crianças, tem sido suprimido ou substituído pela integração escolar normal.

Temo que o erro da supressão do ensino comercial e industrial de outros tempos seja cometido também aqui com a eliminação do ensino especial nas Associações que se dedicavam, e com frutos dados, ao ensino e acompanhamento destas crianças.

Para uma integração verdadeira e eficaz tem de haver um período de preparação que era realizado naquelas instituições. Tentar integrar cedo demais é certamente frustrante.

Estas crianças precisam de obter instrumentos de defesa, hábitos de realização de tarefas de que sejam capazes, para não sentirem o forte impacto do mundo competitivo dos adultos, tanto mais que a afirmação do indivíduo faz-se, hoje, e só, pela competência.

Também nós nos sentimos frustrados quando tentamos acolher quem já anda perdido no mundo e dele não sabe nem quer sair.

Padre Baptista

SETÚBAL

«O senhor sabe o que é a vida!»

OS técnicos são técnicos! Ainda que apresentem amor não o manifestam. Ou, melhor, revelam um afecto semelhante aos dos namorados adolescentes que, hoje, andam aos abraços, aos beijos, dormem juntos e amanhã se separam e detestam. Assim, acontece com alguns psicólogos cuja ânsia é porem-se sempre ao lado dos seus protegidos julgando erradamente que assim os ajudam.

Não duvido do aforismo saído da sabedoria popular: «Faz-te amar e far-te-ás obedecer». Mas a indicação do amor não se pode fazer somente com cedências, dando razão às queixas inventadas ou coloridas duma parte; sobretudo, tratando-se de adolescente. Mas vendo os acontecimentos no seu contexto global, na realidade objectiva e com a perspectiva do amanhã.

«Fazer de cada rapaz um homem» e realizar esta magnífica e ingente tarefa gratuitamente, só por amor, é bem diferente do que ganhar um bom salá-

rio à custa de umas visitas simpáticas e de uns relatórios subjectivos.

Um canudo é um canudo. Dá autoridade! A gente curva-se perante um sr. Doutor ou Doutora!...

Quatro décadas a educar, numa experiência empenhada, não nos dá qualquer título, que também desprezamos, mas traz-nos sabedoria que não podemos rejeitar.

QUASE sempre vou com os rapazes ao cimento. A Secil dá-nos este pó milagroso que, com a areia, a água e a pedra, misturados na betoneira, fazem a argamassa. Temo-la usado nas nossas construções, reparações e melhoramentos.

O cimento é cheio em sacos de rafia, aproveitados do adubo que a Sapec nos oferece anualmente, com pás ou baldes, do montão de sacos de cimento embalado em papel, rebentados.

É um trabalho muito duro. Costumo,

por isso, até premiar os rapazes. A gente enche-se do pó incomodativo o qual envolve a roupa e entra pelos olhos e pelo nariz.

A minha tarefa é, normalmente, orientar os rapazes e atar os sacos de rafia com cordel. Também eu fico da cor do cimento.

Os operários espreitam: — *Olh'ó padre!...*

É por amor deles e dos rapazes que sempre me sujeitei a estes trabalhos humildes e rudes.

Os homens vêm com máscaras e oferecem sempre uma a cada um. É uma simpatia que nos consola, e me arrebatava!

Vale a pena pregar o Evangelho do Amor!

Esta semana havia menos rapazes e tive de me envolver mais na referida empreitada. Fiquei todo emporcado!

No fim do trabalho aproximamo-nos de uma mangueira ligada a um tubo de

Continua na página 4



Na Rua, era triste... Aqui, e agora, é alegre.

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

ESTUDANTES POBRES

— No início das aulas é costume sermos abordados por alguns Pobres, carenciados de livros e de material didático para seus filhos; ou, então, para um *recadinho* às respectivas Escolas, para o efeito.

Felizmente, talvez graças a uma mais justa distribuição de benefícios pelos gestores escolares ou pela acção das comissões de pais, os *gemidos* têm diminuído.

Afinal, nem tudo está mau...! Nós somos de um tempo de fome, de carências a todos os níveis! Contamos pelos nossos dedos, ainda hoje!, cidadãos que não tinham ou nunca tiveram quem lhes botasse a mão para frequentarem um curso de Liceu ou duma Escola de Ensino Técnico — riscadas do mapa por *teóricos* da nossa praça!

Agora, que o mundo evoluiu, há Câmaras, relativamente carenciadas, anunciando a *criação de bolsas de estudo para alunos mais pobres do Ensino Superior Público*. Uma delas contemplando vinte candidatos. Finalmente, «quem tem unhas poderá tocar viola»?!

No primeiro grau do Ensino continuamos, porém, sendo os *campeões europeus do analfabetismo* com 8% da população masculina, na idade superior a 15 anos! E 13% relativamente às mulheres! Todavia, o último relatório das Nações Unidas (FNUAP), que cita estas percentagens, é tolerante. Não quantifica uma franja bem larga de portugueses, que apenas sabem assinar o seu nome de baptismo e incapazes de ler ou de interpretar um texto!

PARTILHA — Abrimos a *procissão* com presenças habituais:

O assinante 42971, de Ovar, com um cheque de 2.500\$00 e as intenções de sempre, recomendando: «*Não precisamos agradecer*». Cumprimos. E veneramos a delicadeza cristã dos *peregrinos* que af vão.

«*Pequenina lembrança da Avó dos cinco netinhos*», referente ao mês de Outubro, para a vossa Conferência do Santíssimo Nome de Jesus: 3.000\$00 em cheque. Com todo o amor e carinho desejo, para todos vós, as *bênçãos do Senhor* — que retribuimos, na mesma medida.

Dez vezes mais, da assinante 57002, da Senhora da Hora, «*pequena oferta referente aos meses de Outubro e Novembro. Com a chegada do Outono, acompanhado das habituais gripes e constipações, todas as migalhas serão precisas para minorar o sofrimento e as necessidades dos Pobres*».

Reparem como boa parte destes *samaritanos* estão presentes, na *procissão*, sem cotas nem cobrança formalizadas!

Outra presença assídua — assinante 31104, da Capital: «*Peço perdão por hoje ser tão breve e tão atrasada. Mas tenho que fazê-lo assim. Mando um cheque para os meus habituais destinatários. Lembrem os meus entes queridos e Deus acuda a todos, incluindo a mim... Mas só a dádiva já nos traz muita consolação*».

Recebemos, agora, «*a migalhinha de 'uma portuense qualquer' — que assina, deste modo, um vale do correio de dez mil escudos — referente a Novembro e Dezembro. Confio no Senhor para que ajude, no próximo ano, a recomeçar*».

A assinante 31254, de Fiães (Feira), «*agradece anonimato*» por um cheque de «*nove mil escudos, mensalidade de Novembro e dez mil para outras necessidades — que são muitas. Não menciono destino para a oferta, pois sabem melhor do que eu onde aplicá-la. Seja por alma dos meus queridos pais*». Votos cheios de Vida! Curiosamente, o topo da carta traz um pensamento de Sertillanges: «*Aquele que não dá, é uma flor que não germina*».

Porto, assinante 11856, anuncia logo de entrada: «*A minha mãe, que estava doente, melhorou bastante, talvez pela oração dos Pobres*». A fé é que nos salva!

Cinco mil, da assinante 4866, de Santa Cruz do Douro.

Dez vezes mais, de outra, residente em Guimarães, que adverte: «*Disponham da importância como melhor entenderem e como for mais necessária. As intenções são diversas — por mim e por vocês também*». Não somos dignos de tanta amizade!

Mais cinco mil, da assinante 3146, de Torres Vedras, «*para valerem a um Pobre que, presentemente, mais necessita*».

Três mil, do Porto, para acudirmos «*a uma necessidade que se considere mais urgente*» — sublinha uma leitora da Praça Teotónio Pereira.

Constança, de Vila Nova de Gaia, manda dois mil, «*minha pequena oferta — com grande admiração pelo Padre Américo*». Como ele fica feliz e dá graças a Deus, também!

O nosso endereço: *Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO, 4560 Paço de Sousa*.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

VACAS — Depois do grande *desastre* que aconteceu com a nossa pecuária surge um outro: tínhamos comprado duas vacas, mas uma delas teve que ser abatida porque escorregou e sofreu várias fracturas no corpo. Pouca sorte!

OUTONO — Com a vinda do Outono a nossa Aldeia está

cheia de folhas no chão. Dão trabalho a limpar; mas, no fim, é bonito sentir e ver o Outono a fazer parte do nosso dia-a-dia.

ESCOLAS — Houve paragem de uma semana em todas as Escolas. Para nós foi uma semana de estudo, pois não perdemos o ritmo escolar, para melhor prepararmos o recomeço das aulas.

ESTUFA — Temos nova estufa na horta. Tínhamos uma, já velha, com os plásticos rotos; mas, a que temos agora, é uma categoria!

MAGUSTO — Realizou-se no dia 10 de Novembro para os da Escola primária.

O da Comunidade foi no sábado, dia 14.

Durante a tarde assámos as castanhas; e, depois, foi o convívio familiar a fazer o resto da festa!

Rui Silva

Associação da Comunidade «O Gaiato» de Setúbal

Conforme referimos em anterior edição do *Famoso*, realizámos no dia 7 de Novembro a comemoração do S. Martinho e da inauguração da nossa Sede.

Como é próprio destes dias, a azáfama começou cedo para que tudo estivesse pronto a acolher os sócios e amigos, conforme fossem chegando. De véspera, os últimos arranjos e as últimas limpezas; os gaiatos e as esposas e os filhos a darem os derradeiros retoques e a decorarem os interiores. No fim, o edifício já *cheirava* a festa e adivinhava-se nos responsáveis e familiares presentes, a excitação e o nervosismo da responsabilidade própria dos grandes eventos.

Finalmente, chegado o dia e a hora, e depois de preparadas a comida e as bebidas, como bons portugueses que somos, foram chegando os amigos e convidados, até a Imprensa cidadina, pois que o acontecimento justificava e a Associação também é filha de terras do Sado. Foi um ambiente festivo e, por entre conversas e cumprimentos, conferimos aos responsáveis pelo evento os merecidos parabéns pela obra feita. Do lixo e de paredes a cair se fez casa acolhedora para os sócios e amigos que nos queiram visitar.

Ao longo da tarde conversámos e trocámos impressões, falando disto e daquilo, revendo caras, por entre sardinhas assadas e água-pé, falando do passado e do futuro, enquanto se comiam couratos em bocados de pão e suculentas bifanas bem regadas com cerveja ou outras bebidas, conforme o desejado por cada um e o permitido pela idade. O nosso Padre Acílio chegou ao fim da

tarde, acompanhado por um grupo de miúdos da Casa. Do primeiro, os elogios e os agradecimentos pela obra realizada e, da nossa parte, os agradecimentos pela presença e ajudas prestadas. Dos segundos, a alegria emprestada à festa em que se integraram depressa, pois estavam em família. Serão eles os continuadores desta Associação.

Um dos objectivos da Direcção está finalmente concretizado — a Sede, um local de encontro e convívio para cativar os que já não estão na Casa do Gaiato a manterem os laços com os ensinamentos e a educação aí adquiridos. Vamos agora caminhar lentamente para atingirmos os próximos. Estejam portanto atentos, pois já se fala por aí em desporto e outras actividades. Nada disto tem, no entanto, qualquer significado se não te associares e participares.

Enquanto decorria a festa chegaram algumas inscrições para sócios, demonstrativo de que gostaram do que aqui viram e da vontade de participar.

Queremos finalmente agradecer a presença de todos e a colaboração daqueles que tornaram possível as obras e a decoração do edifício.

Por último, deixo aqui o horário de funcionamento da nossa Sede: todos os fins-de-semana, das 13 às 23 horas. Apareçam. O local já sabem onde é.

Fernando Pinto

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Vale a pena transcrever uma *circular* de 1845, com mais de um século!, enviada, ao tempo, pelo sr. Gosin, Presidente Geral, a todos os membros da Sociedade de S. Vicente de Paulo:

«Quando se realiza a visita aos Pobres, como se sente emocionada a Conferência com o que lhe é narrado, em cada reunião, a respeito de um certo número de famílias visitadas! Há sempre alguma coisa de novo e, às vezes, de imprevisto, na visita a algumas delas. Estimam-se cada vez mais os Pobres por amor de Deus; procura-se amar melhor este Deus de clemência que pôs ao nosso alcance um meio tão fácil e suave de expiar as nossas culpas quotidianas; gosta-se da Conferência, lamenta-se que a reunião termine tão cedo e toma-se a firme resolução de não faltar à próxima; volta-se para casa com o rezojo na alma — e há motivo bastante para isso — porque se fez algum bem, orou-se a Deus e viram-se amigos cristãos piedosos.

Com efeito, quando vamos a casa do Pobre com palavras de fé nos lábios, vigilância cristã nos olhos e amor compassivo no coração, facilmente descobrimos a miséria, os vícios, os defeitos, as esperanças e os receios daque-



Lá como cá, todo o mundo gosta de futebol!

les junto dos quais estivemos sentados; e não são necessárias muitas lições para entrever os meios de remediar tantos males.

Digamos mais: a visita aos Pobres é o complemento necessário das obras especiais; sem ela nenhuma destas atingirá a sua perfeição.

O nosso quinhão será sempre pequeno e passará despercebido; saibamos aumentar o seu mérito pela perfeição que pusermos em o cultivar.

Se nós deixarmos levar pela rotina, quase não cuidaremos dessas pessoas, às quais é tão difícil aceder e cujos costumes são, tantas vezes, depravados, mas que, por isso mesmo, é mister amar em Jesus Cristo, mais ainda que aos outros — porque são mais deserdados.

Vamos, pois, a elas, com prudência, sem dúvida, e com precaução, munidos das informações necessárias — mas vamos com coragem. Essas almas, por abandonadas que estejam, não foram por isso menos resgatadas pelo Sangue de Jesus Cristo. Se nós pudermos salvá-las, ao menos algumas delas, devemos julgar-nos bem recompensados diante de Deus.»

DONATIVOS — Carminda Coelho, 5.000\$00; amigo de Lourosa, 50.000\$00; Maria Marques, 10.000\$00; assinante 36543, 5.000\$00.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Casal vicentino

Uma carta Repensar o valor da Vida

Aqui estou, mais uma vez, para lhe dizer como estou grata por vos ter conhecido, e por ter o privilégio de poder aprender convosco a sentir o valor da amizade, do amor, da Vida verdadeira! Sim, cada vez estou mais convencida que «viver a vida» só é possível numa atitude de permanente doação, num olhar constante para o Outro, num amar sem limites tudo e todos... E quero continuar a aprender esta bela lição de Amor que é cada um dos vossos gestos, cada uma das vossas palavras, cada gaiato que sai das vossas mãos devidamente formado para a vida. Que Jesus vos acompanhe a todos e vos abençoe pela dimensão humana e espiritual da Obra da Rua. Obrigada por partilharem connosco esse «Pão Divino».

Mas vivemos na Terra e a miséria é muita, comparada com aquilo que mando. Não quero pagar nada. Quero apenas agradecer por me convidarem permanentemente a repensar o valor da Vida... E a virar-me mais para Deus, através dos Outros e de todas as maravilhas por Ele criadas (e eu que tantas vezes duvidei!).

Gostaria de permanecer, como sempre, no anonimato. Um abraço cheio de ternura.

Assinante 67395

Malanje

Sentir na carne os horrores da guerra

06/10/98

MAIS uma foto para o nosso «Famoso». Estou na sala de espera, esperando o chefe deste gabinete. Noto um movimento fora do comum, causado pela avalanche de refugiados que está enchendo a cidade.

Aqui e agora aviva-se o sentimento do povo: — *Cabe sempre mais um!* Outra, expresso com alegria; agora, com dor e olhares vazios. Penumbra... fechada... dolorosa e sem a luzinha dum pirilampo.

Gente que deixou suas raízes, seus haveres e sua alegria de viver... Entram na casa dum parente ou

dum amigo — já abarrotadas — ou ficam nas praças até encontrarem o seu canto. As Organizações do Bem desunham-se para dar ajuda e um mínimo de ordem a tamanha desorientação.

Doloroso sentir na carne os horrores da guerra!!!

08/10/98

Planalto deserto

O fumo azulado dos tocos que ficaram da queimada brinca no ar...

Eles, lentamente, se foram apagando e, negros, ficaram [apontando

o céu.

Um céu muito escuro que faz medo ao sol! Está deserto o planalto

e tristes as árvores; no ar a passarada no banquete dos insectos. Deu queimada no povo que foge misturado com as faúlhas de trapos que esvoaçam. Bem a imagem do Servo que foi corrido, humilhado e batido! Povo de Javé com Pátria mas sem lugar... Apanhado pela dor! Mas, nas Tuas pegadas, Senhor!

14/10/98

O «Manucho»

HOJE apresento-lhes o «Manucho».

Desde pequenino conosco. Sempre com um

19/10/98

Esta noite ouvimos os canhões...!

O nosso «Lóóló» tem um galo careca e cantador.

Todos os dias, dá ele o sinal da alvorada! Um novo dia! O renascer da esperança.

Agora, com as chuvas, é o tempo de plantar e semear.

O Bernardino e o Gilacardime — nos jardins — às flores que amanhã serão beleza!

O Pedro Matoso, mameiros e abacateiros!

O Joãozinho com seus homens, o milho, a mandioca e a batata doce!

Esta noite ouvimos os canhões...! Mesmo que à noite voltemos a sentir, amanhã continuaremos a plantar.

Os nossos pomares de mangueiras vieram de umas plantinhas que, em 1975, fomos buscar por entre o fumo da guerra. Tanta gente que hoje se delicia com os saborosos frutos!

Ainda ontem vi uma mulher, ao lado o seu feixe de lenha, mastigando uma manga para matar a fome.

Necessário e urgente, alimentarmos a esperança.

Padre Telmo

PASSO A PASSO

Bravo, rapazes!

NESTA semana que agora termina, tive a dita de presenciar dois gestos grandiosos de dois dos nossos rapazes.

Primeiro, foi o Daniel. Embora pequeno no tamanho, manifestou-se grande no carácter. Perante uma atitude de certa gravidade de um companheiro seu, a qual ele presenciou, este outro David em coragem, não teve receio de se expor, apontando a verdade. É que o companheiro era quatro vezes mais forte e o medo tem a sua lógica. Mas a simplicidade tem, também, grande poder. E maior. Puderam-se assim ver as coisas com verdade e ninguém saiu derrotado. A simplicidade não quer humilhar ninguém, mas que todos tenham o seu lugar com dignidade.

Depois, foi o «Vila de Rei». Um outro mais velho, entendeu deitar a mão a uma coisa, ilícitamente. Para calar a boca ao nosso homem, resolveu dar-lhe um par de sapatilhas, de igual proveniência. Mas o «Vila de Rei» não esteve pelos ajustes. Desmascarou o seu companheiro e mais uma vez se comprovou que a grandeza dos homens não está na sua *altura*, mas consiste em ter um coração livre e desprendido.

Para além da lição que estes gestos podem representar para muito boa gente, para nós são sobretudo sinais de esperança.

Num tempo em que os homens têm cada vez mais estômago e menos espírito, mais egoísmo e menos sentido fraterno do viver social; quando parece serem portadores de uma *bicha solitária* que os escraviza a ponto de se tomarem também eles solitários no corpo social... — as atitudes do Daniel e do «Vila de Rei» são verdadeiras luzes que têm de ser postas sobre o candelabro. Bravo, rapazes!

Padre Júlio

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Alegria pela casa a parecer nova e dor pelo filho que se ausentou

QUANDO aparecemos junto ao edifício logo nos apareceu o dono velhinho, saudando: — *Boa tarde meus senhores. A nossa casinha está como nova. O telhado é todo novo; as paredes rebocadas e caiadas; um quarto de banho novo; foi toda soalhada e forrada. Já não chove lá dentro e até nos parece que não há frio.*

Mas a minha mulher e eu trazemos uma grande dor. O nosso menino saiu de casa há cinco dias e não sabemos nada do seu paradeiro. Já corremos todas as terras e pedimos aos guardas que nos ajudassem, mas nada se sabe. O senhor do Grupo tem ido connosco e, até agora, ainda não apareceu. Trazemos uma grande dor!

O menino deste casal velhinho tem trinta e tantos anos e é deficiente mental. É bem constituído de corpo, mas porta-se como criança. É submisso. Não é violento. Obedece aos pais. Come o que a mãe lhe põe no prato. É o seu menino. Os pais tratam-no como um tesouro.

Temos encontrado na nossa sociedade muitos casais com filhos, *meninos* assim. Admiramo-nos e louvamos o seu amor. Parece não haver nada tão querido. Toda a atenção vai para eles. São capazes de sacrificar toda a sua vida. Não gozam férias. Não vão a passeios. Faltam a reuniões. Não participam e são capazes de sacrificar tudo por amor do seu menino.

Benditos pais! Curvemo-nos diante da sua grandeza.

A dedicação engrandecida com que este velhinho falou da presença e ajuda do senhor do Grupo, emocionou-nos. Faz parte do Grupo Sócio-Caritativo

daquela terra. E tem procurado cumprir a sua missão de bem-fazer. Agora, com a nossa ajuda, foi a reconstrução desta casa de habitação, já muito degradada. Há pouco, foi a construção duma casa, muito airosa, para mulher enjeitada pelo marido que ficou com três filhos a seu cargo, filhos que *são os seus grandes amores*.

Antes destas obras têm ajudado outros. Procuram estar atentos e reagem. Ao contrário, sabemos que há Grupos Sócio-Caritativos e outros, Conferências vicentinas e Património dos Pobres, em muitas terras, e, se formos ver, não fazem nada. Só têm nome. Para eles a acção de bem-fazer não existe.

O que seria da nossa sociedade mais carenciada, especialmente de habitação, se todos estes grupos se movimentassem no sentido para que foram criados? Cumpririam o seu dever e davam bom testemunho do seu compromisso.

Padre Horácio



Eis a casa, já reconstruída!

TRIBUNA DE COIMBRA

Campanha de assinaturas d'O GAIATO em terras das Beiras

ESTÁ já em andamento uma campanha de assinaturas do nosso Jornal O GAIATO nestas terras das Beiras.

Substituirá, gradualmente, a distribuição na rua, como aliás já aconteceu, nomeadamente nas cidades de Tomar e Leiria.

Informámos os Párcos e outros grupos de angariação de novos assinantes, que irão, até de porta-em-porta, se preciso for. Assim na Covilhã, Teixoso, Tortozendo, Fundão, Castelo Branco, Proença-a-Nova e Sertã.

Desejamos o mesmo em Figueiró dos Vinhos, Tomar, Leiria, Anadia e Mealhada, entre outras, onde a distribuição avulsa já acabou há alguns anos.

Pensamos, aliás, tirar proveito da quadra do Natal, pela oportunidade que nos proporciona. Uma assinatura d'O GAIATO equivale a uma boa prenda de Natal. Deixamos aqui o desafio a todos, nomeadamente, àqueles que pensam visitar-nos pelo Natal.

Na mesma linha de ideias não queremos deixar de observar a vantagem evidente do assinante sobre o comprador de rua, anónimo e ocasional. Pensamos que estando este último

fisicamente mais próximo, através do encontro mediatizado pelo rapaz, é, contudo, aquele — o assinante — que, tanto pela leitura atenta como pela ressonância testemunhal, mais sintoniza connosco e de uma forma global.

Importa ainda considerar o aspecto económico. Toda a gente sabe que as Casas do Gaiato não beneficiam do apoio estatal. Podemos testemunhar a dependência económica que esta Casa do Gaiato sempre conheceu em relação à distribuição do Jornal. Esperamos que ainda assim se mantenha, substituída pela sua assinatura. Tomado como «um à parte», sugerimos aos assinantes das Beiras que enviem a esta Casa do Gaiato o valor da sua assinatura, sempre. Qualquer valor é sempre tomado como donativo, pelo que a assinatura não tem preço estipulado.

Procuraremos, pois, na época de Natal que se avizinha, intensificar esta campanha que nos parece oportuna e feliz. Dela daremos notícias.

Padre João

Trabalho infantil

Continuação da página 1

zindo para mercados residuais». E é sabido que mesmo essas, muitas vezes, não procuram mas condescendem aos pedidos de pais que, com razão mais ou menos válida, insistem por um emprego para os filhos.

As segundas «referem-se a carências culturais dos adultos, às inconsistências e lacunas da organização social, às insuficiências e omissões do sistema escolar». De facto, é, quase sempre, «em meios sociais em que os níveis de instrução e cultura são baixos» que acontece a transigência ou mesmo a oferta do trabalho infantil. «Ele está associado ao abandono escolar, seja esta sua causa ou seu efeito.» Ora estes meios onde as fraquezas de nível económico e cultural andam de mãos dadas, sem se discernir facilmente quais as causas, quais os efeitos, são aquelas em que o apreço pela Escola é também mais fraco. Todavia, há uma intuição latente que constitui uma denúncia e um grito de alerta a que não devem ficar surdos os responsáveis pela coisa

pública: «A percepção muito viva do distanciamento que existe entre a escola e o mercado de trabalho. (...) A pressão das necessidades de consumo — básicas ou não — é demasiado intensa para se harmonizar com a demora dos pedregosos trajectos escolares que não se sabe onde conduzem».

É verdade. A Instituição escolar não está saudável. Não sei se alguma vez gozou de saúde perfeita... Mas tantos estudos, tantas experiências, tantas inovações não a têm melhorado. Ainda agora uma semana de paragem a nível nacional para reflexão, para avaliação... não sei de quê! E a voz de mestres como António Sérgio, como Faria de Vasconcelos, às vezes lembradas e louvadas em cenáculos académicos, nunca se lhes deu ouvidos — o que seria a verdadeira e justa glorificação que tais mestres merecem; e, porventura, o proveito de todos nós.

Inflação de ideias, parcelas em crescimento constante no Orçamento do Estado parecem ser o Laboratório onde se fabrica o remédio. Nunca ele virá de tais fontes. De

apaixonados, sim. E não basta um. São necessários todos os que intervêm no processo da educação do Povo.

Julgo ser esta a postura, não fatalista mas humilde, do autor do escrito que venho reflectindo, sobre o trabalho infantil, que ele termina com esta síntese frontal: «De qualquer modo, é mais que evidente que a chave de uma inflexão significativa do problema não estará na acção repressiva do Estado. O trabalho infantil é um sintoma de doença do tecido social, mais do que um produto da maldade ou da cobiça dos homens. Convergemos nele o desemprego, a pobreza, a incultura, o primitivismo industrial, o consumismo, e mesmo a degradação da família e a falência educativa da escola».

O problema do trabalho infantil está encerrado, na verdade, num contexto imenso de problemas que, só vistos e sofridos globalmente, pode levar a caminhos de solução para cada um. Cada qual, por seu lado, a tratar de cada um, às vezes com um *bairrismo* exasperado — é que não leva a parte nenhuma. É o que acontece a uma Comissão para este fim criada há tempos, a qual, mesmo multidisciplinar que foi na sua constituição, não mostrou ainda frutos que demonstrem a sua validade.

«Sem Humildade, nada!» — eis um princípio do ser e do agir de Pai Américo, que também na vida pública seria saudável ter em consideração. Pareceu-me encontrá-lo — e fico feliz por isso — na mente do Dr. Monteiro Fernandes que não se rende, apesar das dificuldades do problema do trabalho infantil — «uma daquelas causas de batalhas sem fim, que só se perdem quando deixam de ser travadas».

Padre Carlos

BENGUELA

Esperança renovada

ACORDAMOS, cada manhã, com a esperança renovada. É um novo dia carregado com o desejo unânime dum povo que só pensa na paz que tarda a chegar. Daí a necessidade de ajudar a construir a «Casa da Esperança» para que ninguém desanime. Melhor, ajudar a transformar esta sociedade numa «Casa de Esperança» onde todos os que sofrem, no corpo e no espírito, sejam acolhidos. Como? Mediante o compromisso da comunidade eclesial e das pessoas de boa vontade de viverem a comunhão, de modo que haja «um só coração e uma só alma» e se desenvolvam a fraternidade e a partilha dos bens que existem. É um passo importante para tornar mais digno e mais humano o circuito por onde passa a vida das pessoas. Por outro lado, mantém aceso o fogo da esperança que não pode morrer. Que fazemos na vida sem esperança?

Quando me perguntam o que espero desta situação concreta que Angola está a viver, respondo: — Fazer o que puder porque a vida não morreu. É no dar as mãos que nos seguramos e ajudamos os Outros. Assim tem sido.

Há dias, recebi carta de uma empresa antiga da praça de Benguela a comunicar a decisão tomada para ajudar a Casa do Gaiato com uma quantia mensal. Quem dera surgissem mais decisões semelhantes doutras empresas a favor da Casa do Gaiato ou doutras instituições! É um sinal positivo da mudança de mentalidade individualista que invadiu a maioria dos novos empresários para uma visão mais social dos bens, quer sejam

muitos quer sejam poucos. É um caminho longo a percorrer para humanizar as relações sociais. É a fraternidade em acção.

A propósito, recebemos as outras dez caixas de sabão comum que o nosso bom amigo Amorim nos mandou, de Portugal, em contentor para um seu cliente. Ficamos contentes com estas dávidas de tamanho valor. É que nem nós nem aqueles a quem damos a mão temos fome só de fuba ou de arroz ou de açúcar ou de óleo, mas de sabão também. Não imaginam a alegria que uma barra de sabão leva às mãos de quem a recebe! Porque não repetir estes gestos, a partir da origem, porque, daqui, embora tão perto, estamos longe? Há razão para esperar. Parece não ser difícil. Bem haja, com um abraço muito amigo.

Só podemos ser felizes uns com os outros e não uns contra os outros. Lutamos para que assim seja em nossa Casa. As diferenças são muitas. Numa família normal não há filhos iguais. Nesta família que desejamos ser, multiplicam-se as diferenças. Mais,

respira-se algum clima de violência mais longe e mais perto. A influência do ambiente é muito grande. Quase não há rapaz que não tenha respirado o ar da guerra. Acontece com as nossas crianças e com a grande maioria das crianças angolanas. Há, pois, que criar um ambiente de paz e de sã convivência. Assim tem acontecido, com raras excepções. Aprendem que só podem ser felizes uns com os outros e não uns contra os outros.

Estas crianças, porém, são extraordinariamente gratificantes. Não nos largam. Para onde vamos, também gostam de ir. É natural? Sim. Pedem-nos muito, como todas as crianças que pararam e vivem em estado de carência habitual. Que paciência não é precisa, meu Deus! Que paciência! Por isso, também acreditamos na esperança porque é uma virtude paciente. Quem nos dera ser o apoio seguro para a instabilidade que tomou conta de muitas delas para que venham a crescer normalmente. É uma missão de risco a pedir sempre um total abandono.

Padre Manuel António

Setúbal

Continuação da página 1

ar, abrimos a torneira e sopraramos dos pés à cabeça.

Dirigia-me para esta operação quando um trabalhador me chamou: — Venha cá, padre, suba para aqui! Era para cima do tabuleiro de uma máquina.

Apoderou-se de mim um certo receio que dificilmente disfarcei.

— Não tenha medo! Isto agora não mexe.

Tinha também ele lá uma mangueira e começa a soprar-me: — Venha cá que eu limpo, disse, enquanto começava.

Aceitei embevecido! Não era o carinho humano que me inebriava e que eu agradeci; era, sim, o sentir que o Evangelho que eu prego lhe entrou na alma sem estorvo: — O senhor sabe o que é a vida!, rematou.

Padre Acílio

O LIVRO «PADRE AMÉRICO - MÍSTICO DO NOSSO TEMPO»

«É bálsamo e é sal»

UM leitor da Cidade Invicta que segue, d'alma cheia, à frente desta *procissão*, qualifica, desse modo, a obra em foco, cuja procura continua em alta com temática que define Pai Américo em corpo inteiro.

Curiosamente, muitos leitores motivados pela obra elaborada pelo Padre Ramos, aproveitam a ocasião para requisitar, à nossa Editorial, livros em armazém, da autoria de Pai Américo; e, também, de outros autores — sobre a Obra da Rua. Que somam, já, vinte e quatro volumes em dezoito títulos. Três dos quais esgotados, esperam reedição; ainda mais o segundo volume de um título que vamos preparar em primeira edição.

Porto — assinante 32699:

«Bem hajam pelo novo livro — que é bálsamo para a nossa vida. É bálsamo e é sal. Ficamos a saber mais da vida interior de Pai Américo e o segredo da sua santidade baseada na total dependência de Deus, do Senhor Jesus Cristo; do seu amor às coisas simples e belas, da sua vida 'rasteirinha', do seu amor aos Pobres e à Criança abandonada. Que este livro seja Luz, como Pai Américo foi luz para todos nós! Envio um cheque (...), sendo o resto para a Casa do Gaiato de Moçambique, terra onde vivi onze anos e me tornei conhecedor e assinante do 'Famoso'». Foi luz para todos nós.

Santo Isidoro (Livrção) — assinante 28102:

«Comecei a ler o volume com o mesmo interesse e devoção com que li outros que já possuo. Mas, este, tocou-me mais profundamente! Ao Padre Ramos — que o compilou — o meu bem haja, extensivo a todos os que com ele colaboraram.» Do mesmo modo, acontece a toda a gente!

Assinante 20524 — Tomar:

«Venho saldar a dívida do recente volume sobre o Padre Américo. Como não dizem o preço, envio um cheque (...) e agradeço a remessa de mais um exemplar. O que me enviaram, li-o com tanto gosto e não poderia conservá-lo em meu poder...! Já foi para outras mãos, pedindo ao Senhor que faça tanto bem como fez a mim.» E, como este, há quem peça mais exemplares. Até como prenda de Natal...!

Valverde — assinante 39027:

«Preguiça de escrever. Descuido. Talvez mais... Fico, porém, muitas vezes, somente pelas boas intenções! Hoje, recebi O GAIATO e, depois de ler o artigo de fundo, não resisti a concretizar imediatamente a minha obrigação:

Segue cheque para as obras que pedi através do postal R.S.F. Já possuo todos os que não assinalei, mas o Pão dos Pobres é como um livro de oração! Obrigada por tudo o que me dão sem eu dar nada em troca! Vai entrar na máquina o terceiro volume do Pão dos Pobres, em quarta edição.

Assinante 3107 — Lisboa:

«Foi tão saboreado e meditado, que só agora acabei de fechar (por agora!) o livro do nosso querido Pai Américo! Ainda continua na minha mesa de cabeceira... Fez-me muito bem, mas vi que mal eu rezo — apesar do meu esforço! A sua fé toca-nos profundamente e, ao mesmo tempo que o ia lendo, pedia ajuda para melhor palmilhar os caminhos da vida que o Senhor me concedeu. Como fazer preço às maravilhas do espírito?! Assim, vai uma 'miséria' comparada com o que recebi e que aplico como melhor estenderem.» Desde sempre, houve quem se queixasse de não sermos pressurosos com o preço dos livros.

Assinante 12712 — Porto:

«Recebi o livro Padre Américo — místico do nosso tempo, que já li e apreciei, tanto mais porque tive o privilégio de O conhecer — não pessoalmente — e de O ouvir falar, como só Ele sabia. Mando um cheque, esperando que seja o suficiente, pois nunca indicam a importância que ficamos a dever (bem como para O GAIATO que leio desde que foi publicado pela primeira vez.)» Outra ralhadeira! — diria Pai Américo.

Carregal do Sal (Ovar) — assinante 17478:

«Recebi, com muita satisfação, o livro recentemente editado. Tudo quanto diga respeito a Padre Américo me interessa, pois admiro a sua Obra, a sua pedagogia vivida e continuada pelos Padres da Rua — que a ela se dedicam de corpo e alma.» Os leitores também colecionam o livros da nossa Editorial.

Assinante 22616 — Amadora:

«Fiquei muito feliz, muito grata por receber este maravilhoso livro sobre Pai Américo. Estou a lê-lo com os olhos da alma porque só assim o podemos entender e amar. Chegou uma altura em que eu precisava dele mais do que nunca! Sou doente renal desde os vinte e poucos anos. Tenho agora sessenta e seis.» Luz acesa no purgatório de quem sofre!

Júlio Mendes